



CARLOS RONCHI

Nascido em 1898 – Falecido em 1990.

Era filho dos imigrantes Ronchi Ezequille Carlo Maximiliano e Maria Lorenzoni, que no Brasil simplificou o nome para Ezequiel Ronchi. Sempre residiu no Distrito de Araguaia, na colônia destinada à família, no lugar Santo Antônio do Araguaia. Em 1918, a família Ronchi transferiu-se para a Vila de Araguaia tendo Carlos Ronchi residido na vila por toda sua vida, embora tenha temporariamente habitado a cidade de Vitória-ES, onde também possuía casa própria.

Durante a vida, foi lavrador, e posteriormente exerceu a profissão de seleiro, sapateiro e pequeno comerciante, que juntamente com os irmãos Rafael e Jácomo, fundaram a sociedade comercial J. Ronchi & Cia; que teve atividade por mais de 30 anos na compra e venda de café, feijão e outros cereais, e ainda negociação de produtos industriais adquiridos quase todos no estado vizinho Rio de Janeiro, desde tecidos até açucares mascavo e branco.

Carlos Ronchi, por muitos anos foi fornecedor de lenhas para as fornalhas das máquinas a vapor da Ferrovia da Leopoldina, e ainda forneceu dormentes para a fixação dos trilhos daquela ferrovia.

No período da década de 30, antes do início da Segunda Guerra Mundial em 1939, foi explorador de ouro de aluvião, existente nos cascalhos dos brejos das montanhas, na bacia hidrográfica do Rio Jucu, onde teve lavras no lugar Boa Esperança, nas terras de Bernardo Klein e até no Ribeirão Capixaba, no Distrito da antiga Pedreiras, depois denominado Aracê, sendo hoje mais conhecido por Pedra Azul.

Há notícia que, na onda do ouro, extraíram o valioso metal em Caxixe, Castelinho e outros lugares, já que esse metal entusiasmava garimpeiros, pelo preço elevado de 18.000 réis a grama, pois um trabalhador braçal garimpeiro recebia somente de 2.000 a 3.000 réis por dia de trabalho pesado. Portanto, um grama de ouro pagaria pelo menos cinco trabalhadores. Assim havia recompensa naquele trabalho. Era uma época de penúria pecuniária, e a grande aventura do ouro entusiasmava a cobiça de muita gente.

Todavia, com a escassez de ouro nos aluviões, na verdade, Carlos Ronchi não enriqueceu com aquela atividade. Ele foi eleito em 1927 ao cargo de juiz de paz de Araguaia, e continuou no cargo até ser nomeado para o mesmo, pelo interventor (governador) do estado João Punaro Bley, permanecendo até ser nomeado fiscal auxiliar da Secretaria da Fazenda do Estado do Espírito Santo, onde trabalhou por muito tempo até sua aposentadoria, depois de ter servido por mais de 30 anos na forma de serviços gratuitos ao estado.



Em 1935, sozinho foi até o estado de São Paulo, ao Instituto Butantan, que havia sido fundado em 1931 para pesquisas relacionadas ao combate à febre amarela e que posteriormente ampliou suas atividades para atuar nas áreas de biologia, confecção de soros profiláticos e curativos (entre eles, o antiofídico); principalmente contra os venenos de répteis peçonhentos, enfim, contra cobras venenosas, além dos aracnídeos (aranhas e também escorpiões).

Lá no instituto aprendeu a manejar cobras com ganchos de ferro e laços apropriados. Tivera a informação peremptória reveladora que, por falta de cobras venenosas suficientes para pesquisa naquele instituto, somente com o envio de quatro cobras venenosas vivas, o colaborador teria como recompensa uma ampola de soro antiofídico.

Na Vila de Araguaia, Carlos Ronchi então começou a arrebanhar os lavradores e passou a convencê-los a não mais matarem as cobras, mas sim captura-las e traze-las para a vila, onde as mesmas seriam depois enviadas ao Instituto Butantan em troca de ampolas.

É preciso salientar que, a remessa das cobras peçonhentas obedecia a critérios rigorosos, pois era preciso enviá-las em caixas padronizadas pelo instituto e também tinham de ser aceitas pelos agentes ferroviários e somente assim seriam conduzidas em segurança até o estado de São Paulo. Existia um convênio entre o instituto e a estrada de ferro, de forma que não havia cobrança de quaisquer fretes para o envio das cobras.

Desta maneira, com a colaboração dos lavradores, o envio de cobras vivas tornou-se realidade, e com isso, estabeleceu-se a constante troca das cobras por ampolas de soro antiofídico. Assim, o perigo mortal representado por picadas de cobras foi debelado com o tratamento com base no soro recebido.

Para o combate urgente do envenenamento de pessoas ou animais por cobras, fora criada “caixas” (estilo de associações), com pessoas de boa vontade e habilidosas que sabiam aplicar o soro imediatamente para conter o envenenamento imediato, quase sempre fatal. Essas “caixas” ficavam, mais ou menos, situadas uma longe da outra (entre dez e quinze quilômetros), obedecendo os critérios dos vales e povoações existentes naquela região, visando maior amplitude da assistência.

Em 1942 o envio de cobras alcançou o segundo lugar no Brasil, destacando a Vila de Araguaia como uma referência positiva para o Instituto Butantan.

É necessário lembrar que o trabalho organizado por Carlos Ronchi não tinha objetivo comercial, de recompensa pecuniária de qualquer espécie, mas apenas o de salvar vidas que comumente eram perdidas nas presas das cobras venenosas, tão comuns na região. O que de fato foi feito, contando com a solidariedade e apoio da população local.

Infelizmente, após a encampação da ferrovia Leopoldina pela rede ferroviária federal, que eliminou os trens de passageiros e pequenas cargas, o envio de cobras vivas não mais pôde ser realizado. Acabando aí, o trabalho feito por Carlos Ronchi, que ficara um tanto quanto desapontado.

Carlos participou da caravana que recepcionou e acompanhou o interventor Jones dos Santos Neves, todos a cavalo, do lugar Vitor Hugo em direção à Pedreiras e Venda Nova. A comitiva estacionou em Pedra Azul, e na propriedade do então Ângelo Girardi, num momento de confraternização durante aquela parada, com a intenção de marcar aquele momento, tirou-se uma foto, que até hoje existe no Centro Cultural da Vila de Araguaiá, ali posta por Ezequiel Ronchi Netto, que comprova que o evento inusitado era composto também pelo prefeito de Domingos Martins e outras autoridades administrativas menores daquela época. Esse fato ocorreu no ano de 1942.

Foi colaborador e incentivador dos lavradores locais no sentido de legalizassem suas terras e demais propriedades perante o estado, para que recebessem suas escrituras públicas na forma vigente das leis à época.

Para tanto, ajudou a muitos deles atravessarem a burocracia existente naqueles tempos para que assim pudessem alcançar o domínio completo e legítimo de suas terras.

Carlos Ronchi fora sempre um vigilante do bem estar público, e de forma especial, da Vila de Araguaiá.